

O poder de um sedutor

Sem ferir as regras da democracia, ninguém foi presidente durante tanto tempo quanto Fernando Henrique Cardoso

ENTREVISTA A AUGUSTO NUNES

VICE-PRESIDENTE DO JORNAL DO BRASIL

Fernando Henrique Cardoso fala corretamente outros idiomas. Mas não é difícil a platéias estrangeiras perceber – na flutuação da voz em frases longas, em matizes da pronúncia, no jeito de lidar com sopas de sílabas – que ali está um bom poliglota vindo de outras paragens. Muito natural: segundo José Paulo Paes, poeta e tradutor que até de grego antigo entendia, só espião não tem sotaque.

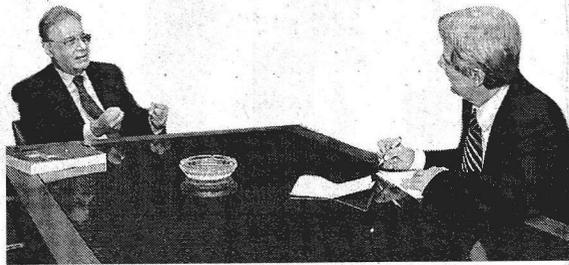
– A diferença é que, se o destino o transformasse em agente secreto, FH conseguiria eliminar de imediato quaisquer vestígios de sotaque, acentos regionais, cacoetes lingüístico ou algo que pudesse denunciar-lhe a procedência – brinca um velho amigo do presidente.

A brincadeira faz sentido: provavelmente, Fernando Henrique pareceria espião desde criança. Porque o presidente costuma incorporar papéis impostos pelas circunstâncias com a rapidez e a competência de ator

inglês. Por isso, transmite a sensação de que sempre foi o que no momento é.

Neste crepúsculo de 2002, Fernando Henrique Cardoso é o presidente que vai deixando o poder e já reivindica seu lugar na História. Sai sem pressa, para que não o imaginem ansioso por livrar-se dos problemas do Brasil, que não são poucos. E sem passos vagarosos demais, para não acharem que gostaria de ter continuado no centro do poder. Exerceu a chefia do governo durante oito anos, período que pode ser ampliado para dez se contabilizados os meses em que, tecnicamente no cargo de ministro da Fazenda, foi tutor de Itamar Franco e, como até as colunas do Planalto recordam, presidente de fato.

Não é pouca coisa. Só Getúlio Vargas segurou mais demoradamente as rédeas do país, mas para chegar a esse recorde teve de recorrer à ditadura. Sem ferir as regras da democracia, ninguém foi



tanto tempo presidente da República quanto Fernando

Henrique Cardoso.

Durante quase 3 mil dias, coube-lhe o direito de contemplar mais perto que qualquer brasileiro as decolagens das garças do Alvorada, manter-se em forma com braçadas na piscina, caminhar longamente pelos gramados do lugar. Por que não atendeu aos pedidos do PT para ficar até 6 de janeiro, o que livraria o Brasil da desconcertante singularidade de celebrar a posse de um novo presidente no dia mundial da ressaca?

– A legislação estabelece essa data para a transmissão do cargo – corta Fernando Henrique. – O Congresso que trate de modificá-la.

O que FH acabou fazendo foi, oficialmente, antecipar a posse em uma quinzena. A maior parte do país nem percebeu. O PT não avaliou a relevância do que se passava. Nem o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, deve ter

notado. Mas ele assumiu o cargo de fato no terceiro domingo de dezembro, quando fotografos documentaram seu passeio, em companhia da mulher, Marisa, no meio do arvoredo da Granja do Torto.

Seguido pela futura primeira-dama em roupa de jogging, Lula trajava bermudas e camiseta cavada. Parecia finalmente em férias, planejando o descanso mais que merecido. Engano. Pensava num Ministério com 500 vagas, o milagre da multiplicação de gabinetes que ao menos faria minguar a fila dos interessados em servir à pátria. Enfiara-se, sem a faixa presidencial, nos problemas cotidianos de chefe de governo. Tanto assim que, sem oficialmente ocupar qualquer cargo, buscava soluções em andanças num território reservado a autoridades federais.

– O Lula é meu hóspede – sorriu Fernando Henrique dois dias depois da foto histórica, nesta entrevista ao **Jornal do Brasil**.

Instalado na cabeceira da mesa da biblioteca do Alvorada, terno azul-marinho, gravata azul escura

com listras brancas, FH revogava a expressão risonha quando fotografado de perfil. Então, parecia estar treinando para efigie.

No palácio semideserto, a calmaria daquela manhã só fora arranhada pela movimentação de um grupo de assessores envolvidos no processo de transição. Cuidavam de deixar o palácio pronto para a chegada da família Lula da Silva. Falta pouco ou quase nada, mas todos pareciam apressados. Três ou quatro enchiam de garatujas blocos de notas. Era fácil identificar os representantes do governo que está chegando: tinham as testas vincadas.

– Os problemas já não estão aqui, estão na Granja do Torto – continuou a divertir-se FH.

Ele está feliz com a agenda agora mais suave. Depois da entrevista, teria um almoço com embaixadores de países da Comunidade Européia. No fim da tarde, iniciaria uma seqüência de inaugurações de grandes obras que o levaria a fazer discursos e receber elogios, entre aplausos, pelos fundões do Brasil.